

A white dove is shown in flight in the upper left corner, set against a background of golden, cracked stone. Below the dove, a yellow cloth is draped across the bottom of the frame. The overall lighting is warm and golden, creating a sense of hope and resurrection.

“RESSUSCITOU AO TERCEIRO DIA”

UMA LEITURA BÍBLICO-ESPIRITUAL
DA EXPERIÊNCIA DA PANDEMIA

COMISSÃO EPISCOPAL PARA A DOCTRINA DA FÉ O
ANÚNCIO A CATEQUESE

O TEMPO DA ESCUTA

«Asalegriaseasesperanças, as tristezas e as angústias das pessoas de hoje, dos pobres sobretudo de todos aqueles que sofrem são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos



discípulos de Cristo, e não há nada genuinamente humano que não encontre eco no coração» (*Gaudium et spes*, 1). Assim nos ensinou o Concílio. E é com este espírito, com abertura de coração, que queremos nos deixar interrogar sobre as consequências que afetam nosso País – e não somente hoje mas – após a pandemia do Coronavírus.

Dirigindo-se seja tanto aos crentes como aos não crentes, como Pastores pretendemos propôr uma “leitura espiritual e bíblica” desta experiência, que diz respeito a todos nós principalmente como pessoas humanas.

É tempo de escutar-mos juntos a voz do Espírito, que Jesus entregou na cruz (cf. Jo 19,30) e no Cenáculo (cf. Jo 20,22). A tarefa do Espírito é de fazer aprofundar a verdade do que acontece. (cf Jo. 16,13). Portanto, tentaremos abordar a nossa realidade, deixando-nos guiar pela sua voz, valorizando primeiro as páginas da Bíblia que contam as últimas horas da experiência de Jesus na terra: nestas páginas é reservado um espaço aberto no qual os crentes podem encontrar novamente o Senhor, enquanto que os não crentes podem sentir acolhidas e preservadas as suas perguntas.

O DRAMA DA SEXTA-FEIRA

«Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?» (Mt 27,46). No relato evangélico o clamor que veio do coração de Jesus Crucificado permanece no momento sem resposta.



Podemos imaginar que também os familiares de Jesus ou os seus amigos, os que estavam próximos ou que se afastaram fizeram suas aquelas palavras: «Meu Deus, porque nos abandonaste?».

Nestes meses de pandemia todos nós nos perguntamos sobre o significado de uma experiência tão imprevisível e trágica. «Fez-se escuro em toda a terra » (Mt 27,45) é como se aquelas três horas, do meio dia até as três horas da tarde da Sexta-feira tivessem se expandido, envolvendo o mundo com as trevas do sofrimento e da morte.

A pandemia revelou a dor do mundo: certamente a produziu e produzirá também no futuro, com consequências econômicas e sociais vastas e persistentes. Trata-se de sofrimentos profundos: como a morte de pessoas queridas, sobretudo os anciãos, sem a proximidade do afeto familiar, o sentido de impotência dos médicos e enfermeiros, a perda das instituições, as dúvidas e as crises de fé, a redução ou a perda do trabalho, a limitação das relações sociais.

A pandemia também despertou repentinamente aqueles que pensavam poder dormir em segurança no leito das injustiças e das violências, da fome e da pobreza, das guerras e das doenças: desastres causados em boa parte por um sistema econômico-financeiro baseado no lucro que não consegue integrar a fraternidade nas relações sociais e no cuidado da criação. O Coronavírus chocou a superficialidade e a leveza e denunciou uma outra pandemia, não menos grave, recordada com frequência pelo papa Francisco: aquela da indiferença. A imagem do mundo, colorido com zonas vermelhas de acordo com a propagação do vírus, faz pensar na imagem bíblica da terra “vermelha”, porque está banhada com o sangue do irmão que “grita” a Deus (cf. Gen 4,10).

Tudo isto é resumido pelo grito de dor lançado pelo Crucificado para o céu, quase uma acusação a Deus, uma questão dramática de significado colocada perante a morte: porquê tanto sofrimento no mundo? É um interrogativo que ressoa no coração de todos, crentes e não-crentes, e que pede para ser recolhido.

Mas existe algo mais no Calvário. Junto à cruz estão algumas mulheres, o discípulo amado, o centurião, Nicodemos, José de Arimatéia: poucas pessoas, claro, mas representantes de um remanescente de humanidade capaz de “ficar” debaixo da cruz (cf. Jo 19,25) para fazer companhia a Jesus, acompanhá-lo até à morte, para lhe garantir um enterro digno. Essa sexta-feira revela-se assim como um dia não só de violência e morte, mas também de piedade e de partilha.

Se olharmos o nosso presente à luz desta cena, não podemos deixar de reconhecer que, em primeiro lugar, os médicos, os enfermeiros, os profissionais da saúde “ficaram em pé” sob a cruz das pessoas infectadas. Os ministros das comunidades, os colaboradores pastorais e os voluntários, os catequistas e os trabalhadores da Cáritas, aliviaram a pobreza material, psicológica e espiritual. Os jornalistas apresentaram imagens e palavras de esperança nas casas, nos hospitais, nos centros para pessoas idosas e nas estruturas de detenção. As agências de aplicação da lei e muitos voluntários prestaram os seus serviços à comunidade com coragem e dedicação. Os cidadãos responderam às normas restritivas ditadas pelas instituições nacionais e locais com um grande sentido de responsabilidade.

Mesmo que por vezes não faltassem dificuldades, as famílias revelaram-se espaços de novas relações, verdadeiras “Igrejas domésticas”, nas quais a oração, a celebração no tempo da Páscoa, a reflexão e as obras de caridade floresceram. Embora fosse desse modo, aquele “sacerdócio batismal” e aquele “culto espiritual”, que nem sempre recebem o justo espaço na vida das nossas paróquias foram redescobertos.

As confissões cristãs se encontraram para um momento de oração, aprofundando os laços ecumênicos tradicionais; e algumas comunidades mulçumanas e de outras religiões expressaram proximidade e solidariedade.

A Sexta-feira Santa da história humana traz consigo não somente o abismo de dor, mas também novos gestos de fé e caridade, aderentes às fragilidades e aos modos de relacionamento pessoal. Nunca antes os lembretes do papa Francisco na *Evangelii Gaudium* soaram como um verdadeiro programa pastoral: «A realidade é superior à idéia» (n. 231); «Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e suja por ter saído às ruas, do que uma Igreja fechada e confortável para se agarrar à própria segurança» (n. 49); «Devemos dar à nossa viagem o ritmo saudável da proximidade, com um olhar respeitoso e pleno de compaixão, mas ao mesmo tempo saudável, livre e encorajando-nos a amadurecer na vida cristã.» (n. 169).

O SILÊNCIO DO SÁBADO

«E foi sepultado» (1Cor 15,4). Após a Sua morte Jesus deixou-se deitar da cruz, se estender na terra, envolver-se em panos, ser colocado dentro do sepulcro, obscurecido por



uma grande pedra. O que o corpo de Jesus sofre é uma passividade preciosa, que revela a nossa própria passividade: viemos ao mundo porque somos procurados e acolhidos pelos outros, somos alimentados, alimentados e vestidos pelos outros e, no final, já não seremos senhores do nosso corpo, entregues aos outros e a terra. Quer queiramos ou não, somos “dependentes”, somos limitados.

O vírus deu um golpe fatal ao delírio da onipotência, ao cientismo auto-suficiente, à tendência prometeica do homem contemporâneo. Criou uma profunda ansiedade, quase um trauma planetário especialmente nas áreas ricas e industrializadas da terra: uma perda espelhada no que diz respeito à segurança que facilmente se tornou arrogância. De repente, mesmo esta parte da humildade teve de contar com o limite, com a sua entrega nas mãos de algo mais de si mesma, com uma grande pedra à entrada do túmulo.

E apercebemo-nos como recordou o papa Francisco, que «estamos no mesmo barco» (27 de março de 2020): não existem navios seguros e jangadas partidas, mas uma grande jangada em que poucos acreditavam poder reservar compartimentos privilegiados. Agora, poder-se-ia dizer – «estamos no mesmo sepulcro»: partilhamos medo e morte, ânsia e pobreza. Todos sem distinção, temos pressa em sair do sepulcro. Queremos ressurgir logo após o Gólgota. Mas, nesta pressa se esconde uma tentação: aquela de considerar a pandemia um mau parêntese, em vez de um teste para crescer; um *chrónos* para correr o mais rápido possível em vez de um *kairós* para ser acolhido e se deixar ensinar. O dia após a morte de Jesus é marcado pelo silêncio. Não um silêncio vazio, mas preenchido pela espera e pela partilha.

Jesus «aprendeu a obediência com as coisas que sofreu» (Heb 5,8). O sofrimento, que como tal nunca deve ser procurado e adquirido, pode tornar-se uma escola. Nos acontecimentos dramáticos de um evento que não escolhemos nos é dada a oportunidade de entrar com humildade para purificar o nosso olhar e a nossa própria fé.

Nos últimos meses, infelizmente, também foram relançadas interpretações teóricas enganosas das origens da pandemia, apresentadas como um castigo ou flagelo de Deus pelos pecados dos homens. São interpretações que tem o sabor amargo das palavras dos amigos de Jó que, procurando dar uma explicação “lógica”, acabam por não sentir a dor e o sofrimento e por isso não pensam segundo o Deus da Bíblia.

No silêncio do Sábado surgiu outra atitude desorganizada: a tentação do milagre. Alguns gestos que pouco tem a ver com a humilde pureza da liturgia, revelam antes de tudo a fadiga de permanecer no sepulcro, partilhando as perguntas e as ansiedades de cada pessoa diante da morte, aceitando voltar-se com maturidade e tons subjugados para o Deus que é onipotente no amor.

A experiência deste tempo voltou a propor fortemente outro aspecto importante do Sábado Santo: o jejum eucarístico. Emergiu um sincero apego de muitos sacerdotes e fiéis à liturgia da Missa e da comunhão. A estreita ligação entre o corpo eucarístico e o corpo eclesial - daí a famosa expressão “a Eucaristia faz a Igreja” - mostrou-se mais uma vez verdadeira,

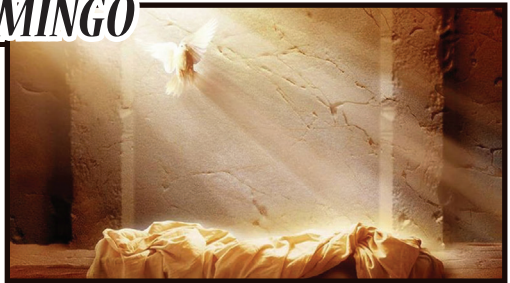
embora tenha sido vivida sob a forma de carência. Mas a cena era insólita: por um lado, o corpo eucarístico foi novamente apresentado no altar pelos presbíteros; por outro lado, o corpo eclesial na sua forma de assembleia foi forçado a manter-se afastado do altar, da mesa e da comunidade. Esta foi uma separação não natural, embora as transmissões televisivas pudessem em parte compensar, complementada por celebrações domésticas.

No entanto, mesmo o prolongado jejum eucarístico pertence à experiência de morar no sepulcro no aguardo da ressurreição. Ao compartilhar a situação à qual muitas comunidades cristãs ao redor do mundo são forçadas, devido à perseguição ou escassez de sacerdotes, pode-se aprender a apreciar mais a celebração eucarística e o mandato de caridade que nos entrega: a comunhão eucarística tem como finalidade, de fato, à comunhão eclesial e o serviço prestado aos irmãos.

Ficar em paz e com coragem no sepulcro não é nada fácil: é, no entanto, um passo necessário em direção à escuta atenta dos irmãos, para uma profunda partilha das fragilidades, para a recuperação de um silêncio de oração, para uma autêntica entrega ao Senhor.

A ESPERANÇA DO DOMINGO

«Ele ressuscitou ... e apareceu » (1Cor 15,5). O anúncio do “terceiro dia”, lançado por São Paulo no *kérygma* da Carta aos Coríntios, ressoa na forma de hinos e narrações ao longo de todo o Novo Testamento: as chamadas “aparições” são experiências únicas, capazes de renovar em profundidade a vida. Ao atravessar pela morte, Jesus realmente mudou a direção da história. Não se trata de um privilégio seu exclusivo: ele ressuscitou como «primícia daqueles que estão mortos » (1Cor 15,20), como «primogênito dos mortos» (Ap 1,5), como o primeiro e todos, porque escancara o sepulcro de cada um de nós.



Jesus ressuscitou somente no terceiro dia, quando a morte parecia já tê-lo tragado para sempre, quando a pedra parecia tê-lo enterrado definitivamente. Somente no terceiro dia, porque a ressurreição é verdadeira e credível quando abraça a morte e o sepulcro: o corpo de Jesus ressuscitado é plenamente “transfigurado”, porque anteriormente ele havia aceitado ser completamente “desfigurado”. A sua glória resplandece, porque passou uma plena solidariedade com as pessoas: ele tece experiência de tudo o que é humano, mesmo em seus aspectos mais horríveis.

A pandemia colocou à prova o anúncio da esperança cristã, “a beata esperança” da qual fala a liturgia. Talvez tenha revelado também os limites de uma pregação abstrata demais sobre a vida eterna, apressadamente preocupada, se não simplesmente silente, de adiar para o além sem parar o tempo certo no Gólgota e no sepulcro. Apesar das tentativas de renovar o anúncio da esperança cristã (cf. Bento XVI, *Spe Salvi*), ficamos ancorados a um conceito segundo o qual a imortalidade e a ressurreição são temas “pos”: ou seja, eles dizem respeito apenas ao que seremos depois da morte. Na cultura ocidental temas como o fim e o além foram, em boa parte, removidos. A morte, embaraçosa e incômoda, sofreu duas tentativas de neutralização: com o o silêncio, ou com a espetacularização. A vida eterna, com todos os seus aspectos – juízo, paraíso, purgatório, inferno, ressurreição – é banalizada ou relegada à prateleira da evocação simbólica: duas tentativas de excluí-la do horizonte terreno, das coisas humanas nas quais vale a pena visar.

Para nós, cristãos, é de fato uma questão de linguagem, mas acima de tudo, é uma questão de experiência e de testemunho. A linguagem deve certamente ser atualizada, não apenas no nível teológico, mas também na prática pastoral e na pregação; mas, acima de tudo, é necessário compreender os sinais da vida eterna na vida terrena de todos os dias. O Evangelho de João anuncia com frequência a vida eterna e a ressurreição no presente, por exemplo, com as palavras lapidárias de Jesus a Marta: «Eu sou a ressurreição e a vida » (cf. Jo 11,25). Quem caminha em direção a uma meta desejável também aceita as dificuldades do percurso sem desanimar; quem caminha na esperança da vida eterna encontra traços de eternidade, até mesmo no gesto de dar um copo de água a um pequeno (cf. Mt 10,42). Com o Evangelho na mão,

o formulário do exame final será muito simples «Você me ajudou quando eu estava com fome e sede, eu estava nu e pobre, era estrangeiro, doente e preso?» (cf. Mt 25,31-46). Por fim, «no entardecer da vida seremos julgados sobre o amor » (São João da Cruz).

O anúncio da esperança cristã (Rm 5,5) é tudo menos uma alternativa à esperança humana: apresentá-la às vezes como uma coleção de verdades abstratas, desvinculadas da existência terrena e de suas expectativas, deu por um lado à acusação de alienação, ilusão ou fantasia compensatória. A escatologia cristã é na verdade uma antropologia que reivindica plenitude, uma caridade que começa a tomar forma no presente e se orienta para a sua realização. Sem esse horizonte, todo germe de amor, todo projeto, todo desejo e sonho seriam inexoravelmente destruídos: nossa vida na Terra seria um engano, se um vírus ou um terremoto, uma distração de carro, um momento de desespero fossem suficientes para que tudo acabasse para sempre.

A esperança cristã se baseia na experiência que a comunidade de pessoas de fé faz do Ressuscitado. De fato, oito dias após a ressurreição de Jesus os discípulos se encontram no Cenáculo, em uma casa, à porta fechada (cf. Gv 20,19). Eles têm uma percepção angustiada do risco que correm fora daquele ambiente, o que agora percebem como reconfortante, mas que, a longo prazo, sabem que será muito apertado. O Ressuscitado os alcança no ambiente fechado em que se refugiaram: o encontro ocorre no primeiro dia após o *shabbat*, ou seja, no primeiro dia útil após o descanso e a festa. O Ressuscitado vem para ativar processos de vida evangélica no tempo cotidiano dos discípulos.

Não se fala quanto tempo ele ficou com os discípulos: pode-se presumir que ele o tenha feito pelo tempo necessário para reconfortá-los, apresentar-lhes uma catequese sobre os mistérios da fé e motivá-los a um novo estilo de vida.

Se, por um lado, o trauma da morte violenta de Jesus havia desorientado os discípulos e os havia feito se fecharem sobre si mesmos, por outro, havia paradoxalmente solicitado perguntas como aquela de Tomé: “Se eu não vir as marcas dos pregos nas suas mãos, não colocar o meu dedo onde estavam os pregos e não puser a minha mão no seu lado, não creerei!” (Jo 20,25) – que encontram agora uma resposta no Ressuscitado.

O evento da ressurreição de Jesus coloca o nosso desejo de vida em um horizonte de possibilidade real. Sua ressurreição envolve a transfiguração definitiva do corpo, a entrada da carne na dimensão divina. O seu corpo terreno foi investido pelo Espírito e glorificado, antecipando a ressurreição final de cada um de nós: “A sua ressurreição não é algo do passado; contém uma força de vida que penetrou o mundo. Onde parecia que tudo estava morto, voltam a aparecer por todo o lado os rebentos da ressurreição . É uma força incomparável. É verdade que muitas vezes parece que Deus não existe: vemos injustiças, maldades, indiferenças e crueldades que não diminuem. Mas, também é certo que no meio da escuridão começa sempre a desabrochar algo de novo, que cedo ou tarde produz um fruto. Num campo arrasado volta a aparecer a vida, obstinada e invencível. Haverá muitas coisas más, porém o bem sempre tende a florescer e a espalhar-se. Cada dia, no mundo, renasce a beleza que ressuscita transformada através dos dramas da história. Os valores tendem sempre a reaparecer sob novas formas, e de fato, o ser humano renasce muitas vezes de situações que pareciam irreversíveis. Esta é a força da ressurreição e cada evangelizador é um instrumento de tal dinamismo » (*EvangeliiGaudium*, n. 276).

POR UM CAMINHO CRIATIVO

Uma leitura pascal da experiência da pandemia não pode ser um simples retorno à situação anterior, na esperança de retomar o arado no ponto onde fomos obrigados a deixá-lo. A experiência da Sexta-feira Santa e do Sábado – a permanência na cruz e no sepulcro não pode mais ser vivida pelos cristãos como um parêntese a ser fechado o mais rápido possível: deve, antes de tudo, se tornar uma *parêntese*, isto é, uma exortação, um convite para amadurecer uma existência diferente. Ressoam ainda as palavras do papa Francisco: «A pastoral em chave missionária exige abandonar o cômodo critério pastoral “sempre se fez assim”. Convido todos a serem audazes e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, os estilos e os métodos evangelizadores das próprias comunidades » (*EvangeliiGaudium*, n. 33).

A cruz e o sepulcro possam se tornar cátedras que ensinam a todos, a mudar, a converter-se, a prestar ouvidos e coração aos dramas causados pela violência, a encontrar a coragem de colocar gestos divinos nas relações humanas: paz, equidade, mansidão, caridade. São estes os germes de ressurreição, os lampejos do Domingo que tornam concreto e credível o anúncio da vida eterna.

Se aprendermos que tudo é dom, se disto surgir um novo estilo pessoal e comunitário, que renuncia a lamúria e a arrogância e adota a partilha, o agradecimento e o louvor, então a pandemia nos terá ensinado alguma coisa de importante. Nós a teremos vivida, lida e elaborada escutando o Espírito e participando do mistério da Páscoa de Jesus, Crucificado e Ressuscitado.

Começaremos, então, como comunidade eclesial nos passos do homem de nosso tempo, animados por ternura e compreensão que não decepciona.

